



Agosto 93
a Maio 94

" O Roseiral "

R.R.A.

Mon nom c'est Rosário
Rosaire, rosary, plenty
of roses...

Chaque rose correspond
à un rêve. * * *

Soit le soleil,
la lune ou les
étoiles, elles y ont



aussi sa place.

Tout le monde a

sa tâche ~~à accomplir~~;

la mienne sera

toujours de ne pas

refuser les roses de

ma vie.

Tudo tem um

começo. E há muitos

começos.

Os meus começos pos-

suem (partem) sem-

pre do mesmo prin-

cípio; isto é:

eu acredito.

Não vou em busca

~~da~~ da crença, por-
que já a possuo.

O que eu busco é o
modo; o modo de
preencher a crença.

Je veux habiter mes
rêves et que ces rêves
soient habités par

d'autres; ~~est~~ ^{et} un rêve,
~~il est aussi la réalité que je veux~~
~~vivre de ce rêve.~~

il est aussi la réa-
lité que je veux
vivre ~~de~~ ce rêve.

Talvez a comunicação
tenha a ver com a

fé. Se não for pela
fé, não precisamos
de comunicar; [e se
não comunicarmos,
estamos a impedir
que a fé ocupe ^(tenha) ~~o~~
lugar na vida. = E
assim se vive num

circuito fechado; sobre
si próprio.

Não faz sentido. É
de enlouquecer. —]

"Ninguém acende
uma lâmpada para
a cobrir com um
vaso, ou a pôr de-

bairro da cama."

~~ACENDER A CHAMA~~
ACENDER A CHAMA

You cannot ~~touch~~ ^{touch} it

but you can feel it
and then you will
perceive.

"You" means "I" and

"I" means what I
want to mean.

... e há muitos
começos...

Depois do(s) começo(s)
vem o modo, e o
modo é só um, e é
sempre o mesmo para
qualquer começo.

aprendizagem
por isso, sendo só
um, o modo tam-
bém muda; mas,
ao mudar não é
descontínuo, é na
sua presença conti-
nua que o modo

adquire a ^{ma} força.

Às vezes, alguém
nos diz (me diz)

que o que fazemos
transmite força

(daquela força que
vem de dentro).

Isso faz-me sentir,

que, se ela existe

~~que, se ela existe~~, é por-

que no meu traba-

lho, ou quando me

olho dentro de mim
(o que é o mesmo)

mesma), eu me sinto

pequena e insigni-

ficante. E isso é

preciso, torna-se necessário em todos os começos.

Quando nos ~~torcemos~~
torcemos cheios de nós, tudo se perde!
A minha insignificância faz-me

sentir, que a força que posso transmitir, não me pertence.
E ainda bem!

"o modo" surge assim, como esta letra trémula e insegura; se se está dis-

posto a encarar o futuro de frente.

Tu e eu somos esse futuro. Esse "tu", que quando me fala me faz sentir viva: "cheia de vida".

Diário de fé.

Pasmos: Se conservarmos a capacidade de nos deixarmos surprender, de nos abriremos ao imprevisível. Aí também está contido o futuro. De contrário, para

que nos servirá o
presente?

Não gosto de estimu-
lar a indiferença.

O que eu quero é
antes estimular a
intensidade (das
coisas). Não exis-

tem acasos. Tudo o
que acontece possui
uma ordem, mesmo
que ^{esta} não seja apa-
rente. E tudo o que
existe tem uma
função, e tudo o
que fazemos, pensa-

mos e sentimos, existe em função da ordem que lhe damos.

Ou seja, da função que lhe atribuímos.

E o que conta é essa função. Aquilo que daí ^(podemos extrair) queremos ~~extrair~~
↳ fazer sentido.

É por isto que "tudo" vale a pena, até ^(sobretudo) mesmo o erro (os erros) porque viver, ^{também} ("sobreviver") existe em função do erro, que ^{nos} induz a ultrapassá-lo, a corrigi-lo.

De que serve viver se
não ascendermos a
algo mais "alto", mais
perfeito?

Sem dúvida porque
isso nos conduz a uma
"melhor" realização.

E de que serve essa

realização se o "outro"
não estiver presente
nela?

Por isso eu não quero
estimular a indife-
rença.

ABSORÇÃO

As crianças que eu

não tenho são a
criança que eu sou.

Será sempre como
mostrar e esconder;

Esconder e mostrar.

Quando ainda estou
longe daquilo que
me pertence, há

que recuar à origem.

Recuar até ao infinito
de mim mesma...

Até onde eu não en-
contrar mais nada; ^{mas} ~~isso~~
^{isso não}
que me impeça de
mover.

E o que eu possuo de

minha mesma é a mi-
nha expressão. É pre-
ciso ter "a força" e
a "firmeza" de não a
deixar calar.

Tudo, é muito longe.

Ainda.

É preciso mover to-

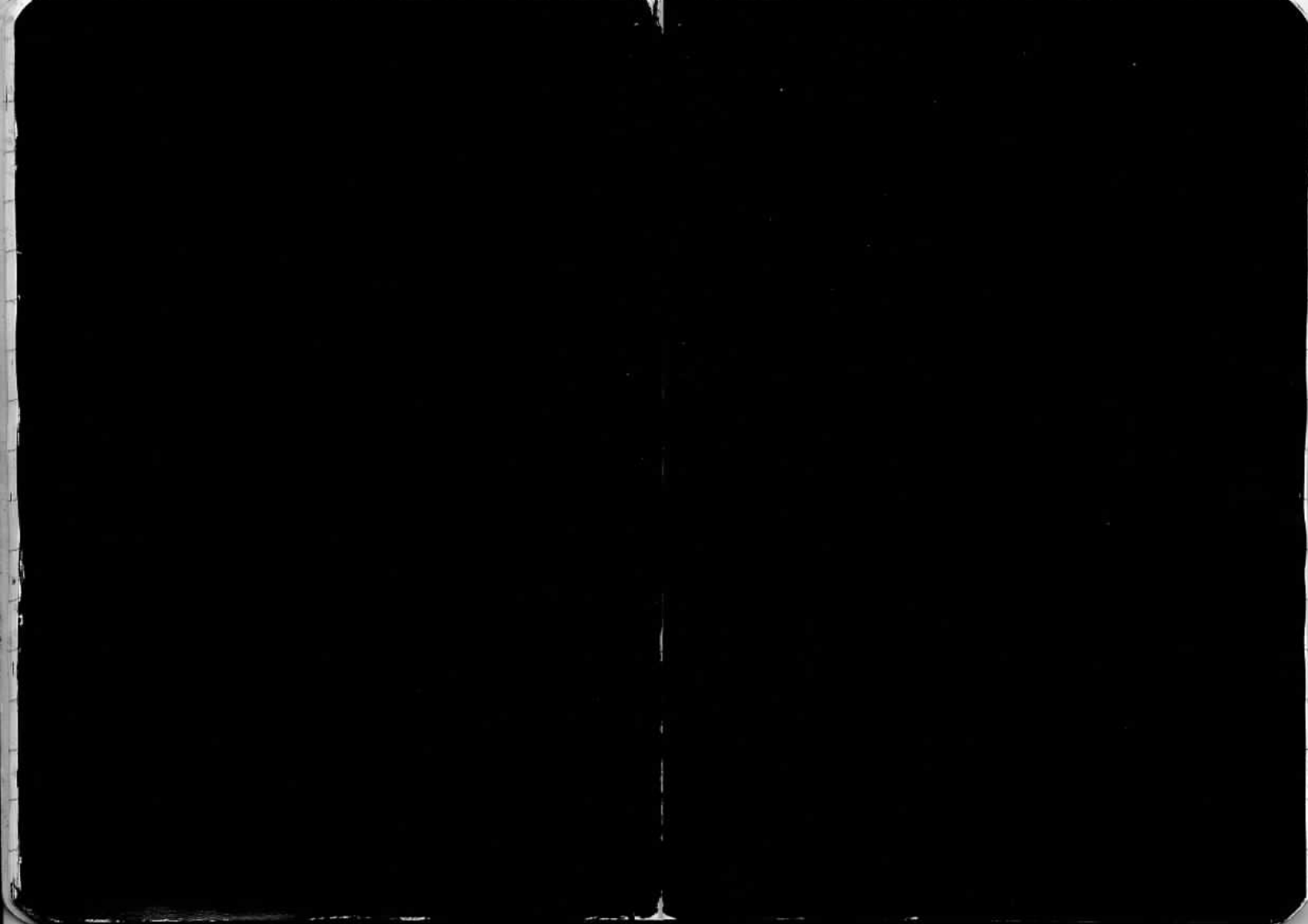
das as forças e todas as
razões.

Guardar o espaço
onde caiba uma re-
líquia.

Sempre.

Rosa dos ventos.

Dos ventos.







América:

tudo o que vejo faz-
-me sentir vulnerá-

vel. Arte, arte, arte,

excessivo. Nem tu-

do o que é excessivo

faz sentido.

Vejo imagens por to-

do o lado, e aquelas

imagens que guardo

na memória, são as

minhas, como que o

resultado desse excesso

cujo sentido não

apreendo ainda. É

como que o fruto da

minha fragilidade.

Tudo é frágil, um resultado de excesso

que se resume em fragilidade pura.

Como absorver isso?

A intensidade é importante, mas ela

não basta por si só.

É preciso conciliar o conteúdo e o modo de

revelar. Talvez a intensidade resida, ou

faça parte, do modo.

É necessário encontrar esse "ponto de tensão"

essencial, para que a
"revelação" seja efi-
caz. Estes 3 pontos:
intensidade, conteúdo,
modo, interligam-se,
não podem viver iso-
lados.

Sopro artificial, sopro

quase natural.

Em duas metades.

A circulação (de ar)
faz-se no meio, con-
centra-se.

Na entrega, no esque-
cimento de si.

É preciso aprender a

relativizar. Tudo ^(?) o

que me rodeia é
necessário, ^(?) ou pelo me-

nos aquilo que eu
apreendo; mas tam-
bem é relativo.

Na medida em que
o que me move,

sai de dentro para
fora, para o exte-
rior.

Portugal de novo.

Se eu não buscar
é como se morrera.

Mas para encontrar-
- tenho que mover-me.

Morrer-me a mim,
dentro de mim. Por
dentro do eu que
me atormenta.

Tormento que dá
vigor, esse do sair
de dentro de mim.
O outro, aquele que

nos vê, aquele que nos
lê, aquele que nos sente.
Para o outro está o
meu trabalho, sem
o outro ele não faz
sentido.

Mas, que outro; qual
outro?

De que dependo eu?

Existir é depender...

mas, para onde me
levam as razões?

Em que mundo(s)

cabem elas? Para

que mundo(s) falam

elas?

E eu não o sei.

Se o soubera, talvez

que tudo se perdesse.

^{querer}
Prever o mundo de

um outro, seria como

privá-lo de si pró-

prio.

Se eu nem do meu

próprio "mundo",
do meu próprio eu, me
apreendo, esse eu
inesgotável que por
vezes me surpreende.
No dia em que dei-
xar de me surpreen-
der a mim mesma,

é porque morri.

Aqui não é morrer-me.
É morrer!

Depender, quer dizer
que, aquilo que faze-
mos ~~sozinhos~~ sós, busca
a compreensão do
outro.

Cristo depende de mim
porque busca a minha
compreensão.* É um
modelo.

Existem muitos mode-
los ^{para existir} e todas pessoas
requerem um mode-
lo.

*claro que como há uma
ligação, eu também dependo d'Ele.

Tudo aquilo que possuo
é um dom. E esse
dom constantemente
me busca para um
lugar, e outro lugar
e outro lugar... tan-
tos quanto esse dom
necessite para se saciar.

Só que nunca se en-
contra satisfeito.

O meu coração e a
minha inteligência
estão sempre em
busca; ~~de~~ partindo
do modelo que escolhi,
estão sempre em

busca de mim mesma,
do mais profundo de
mim, do conhecimento
inesgotável ^{de mim} das coisas
e pessoas que me ro-
deiam, e de um modo
de tornar possível a
comunicação daquilo

que apreendo. Por isso
eu dependo do outro,
daquele que ^{se} sentir
impelido a ler o que
escrevo, a abrir os
meus segredos.

Por exemplo, um
~~modo~~ modo : "o pouco, o

pequeno e possível."

o pouco e pouco tornar

-se-á no muito, o

pequeno a pequeno,

no grande, e os possí-

veis, em impossíveis

de hoje mas possíveis de

amanhã. A isto cha-

no empreendimento.

É um princípio.

Enganei-me, não é

um modo, é um

princípio de base.

É preciso ter muita

atenção às palavras.

Uma só palavra mal

empregue numa frase

pode-lhe mudar todo

o sentido. E ~~isto~~ ^{esta norma} tam-

bém se aplica às

artes visuais. Hoje,

quando se coloca um

ou vários elementos

num determinado

contexto (escultura, pin-
tura, etc.) querirá si-
gnificar uma coisa.

Ao deslocá-lo(s) para
outro contexto, a leitu-
ra que dele(s) fazemos
poderá ser outra com-
pletamente diferente.

Por vezes a fronteira
é muito subtil e só
a nossa atenção pode-
rá ^{determinar} entender a diferen-
ça.

Talvez quanto à pin-
tura esta questão se
devea colocar de outra

forma.

1ª pintura é sempre uma pintura e vale por aquilo que é.

Não depende tanto de um lugar; depende mais do que representa e do ~~momento~~ que está por trás dessa

representação.

~~Se lhe acrescentarmos um lugar, pode perder ou pode ganhar o lugar, mas não acrescenta nada à pintura.~~
É o processo...

"Modo" e "processo" são coisas diferentes.

O "Modo" ^{de} que eu falo aqui, pressupõe uma atitude de base que está intimamente ligada à ética, e que parte

do interior da personalidade ^{de} associado ao mundo que a rodeia.

Esse "modo" possui assim uma componente forte de continuidade.

O "processo" está mais

ligado à estética,
~~uma vez que~~ esteticamente,
uma vez que ^{eu} ~~eu~~
posso utilizar tan
tos processos quanto
necessários para
"servir" esse "modo".

Os Processos ~~podem~~ e
^{por isso}
deve conter uma

componente descon-
tínua, se por isso
se entender que pe-
las partes eu quero
chegar ao todo.

Podem possuir valores
cumulativos, ou de
eliminação de partes.

Digamos que "um processo" faz parte do "modo". Um ^{processo} ~~modo~~ ou conjunto de processos ajudam esse "modo" a preencher a crença. E a estética ajuda a servir ^{essa} "crença".

E eu digo "ajuda" porque uma crença não vive só da estética. A crença vive de uma força inexplicável (só explicável por aproximações) mas força

essa vivenciada, ha-
bitada. Daí que se
torna essencial
revelá-la através
das aproximações
que eu encontro ao
meu alcance, que
as faculdades que

compõem a minha
personalidade me per-
mitam.

E é no silêncio

que eu escuto...

onde se situa o

limite?

A fronteira está

na minha consciên-
cia. Mas como se for-
ma ela? De onde
me vem o pensamen-
to para além do
meu ser físico?
onde assenta o dis-
cernimento?

No meio de um rosei-
ral, qual é a rosa
que eu escolho? Por
certo que são todas
idênticas, mas a ra-
zão que me leva a
escolher uma, é que
determina a diferença,
ou a semelhança

que há entre elas.

Por detrás duma escolha, existe sempre uma diferença ou uma semelhança.

E qualquer das duas, diferença ou semelhança, ou uma, ou

contribuirá para outra, ~~mas~~ a razão da minha escolha; e nunca as duas simultaneamente; ~~mas~~ ~~mas~~ mas uma rosa no meio de muitas é simultaneamente diferente e semelhante.

das outras.

Logo, se eu escolho "a" rosa, é porque ela é a "minha" rosa, é porque ela é única.

E o que é que leva a minha rosa a ser a única rosa?

Será mais pela diferença que há entre elas, que é isso que a faz distinguir das outras, e pela semelhança que há entre a rosa e o "objecto" da minha escolha, ou

seja, do sentido que
ela toma na razão
de "ser" da minha
escolha.

Mas que características
possui a rosa, que per-
mitam fazer em
mim esse sentido?

Se já sei que não é
só pelas suas caracte-
rísticas formais e na-
turais, é porque a
produção do sentido
se começa a formar
em mim antes que
eu a escolha. O sen

tido está em mim,
maquilo que busco,
não está na rosa;
ou antes, está na
relação íntima que
existe entre mim e
a rosa. Só nesta re-
lação ela ultrapassa

as suas características
formais ganhando
uma "função" dis-
tinta das outras rosas
no meio do roseiral.

Se por trás da mi-
nha escolha existiu
uma diferença ou se-

melhança, é porque
~~se dá~~ ~~ou uma outra,~~
ou uma outra, ~~com~~
^{um} determinado sen-
tido. ~~com~~

~~Na~~ Na minha escolha,
A "rosa" vem habitar
o "sentido". Ela par-
tilha as minhas emo-

ções e o meu pensa-
mento, mas não
está na sua origem.
Mas de onde me-
vem o pensamento
para além do meu
ser físico? Qual a
sua origem?

Tudo o que existe
antes de mim. Tudo.
E tudo é muito longe,
... e está tão perto e
eu não abarco... essa
imensidão do tudo.
Proximidade e distân-
cia. Quando estou

próxima sou como
deusa, quando distan-
te sou como humana.
Tudo o que existe,
tudo o que acontece.
Ordem e função.
As coisas, para aconte-
cerem, têm primeiro que

existir. É preciso deixar
bem claro. Quando
atribuo uma ordem
a qualquer coisa, é
porque ^{nela} existe "antes"
essa ordem que nem
sempre é aparente.
E quando essa ordem

anterior a mim ^{se cruzou}
~~comigo~~
~~comigo~~, deu lugar
a um acontecimento,
ou seja, se a rosa não
existisse eu não a po-
deria escolher. Por isso
ela existe em função
da minha escolha.

quando a guardo, ela
adquire uma outra
ordem, mais rica, por
que se lhe acresceu ao
sentido. Não só ela vem
habitar o sentido, como
o sentido vem habitar
a rosa. Através da fun

ção que atribuí à minha
rosa, enriqueço o senti-
do, e a rosa, e a or-
dem; que já não é a
mesma, porque a trans-
formei. É neste aconte-
cimento ~~há~~ há uma
comunhão. Há um novo

conhecimento. Aqui,
A rosa existe antes
de mim, ou seja, an-
tes da minha ^{tomada de} consciên-
cia da sua presença.

Estará "esta" rosa na
origem do meu SER?

Ou seja, "esta rosa"

como ^{futura} validada do meu
novo conhecimento?

Ela contém simultâ-
neamente, passado,
presente e futuro, mas
porque, se ela existe,
"eu também existo".

Ela é, porque eu tam

bém sou.

Estará na origem do
meu SER, ^(?) na origem
do meu pensamento.

Mas sei que a rosa
estava lá, no meio
do roseiral, porque
eu ia existir.

Vivemos, porque um dia
vamos morrer.

Aquilo que a vida nos
dá é um caminho
que, invariavelmente,
cada um a seu modo,
terá de percorrer.
O corpo é apenas ins-

trumento. O que conta
é o caminho.

Medidor de tempo.

A ideia de "Rosa" só
é importante na
"medida" em que
~~me~~ me liberta.

Assim como ela cresce

e se forma no meio
do roseiral, assim

como o ramo que a
suporta e que dá

lugar à flor, tam-
bém eu própria - no

meu próprio corpo -

me formo e cresço

de um suporte seme-
lhante. Os espinhos
também lá estão,
porque não podia
ser de outra forma.

Foi esta a natureza
que me foi dada.

Mas eu não vivo só

de corpo, como a rosa
não é bela só por ter
espinhos. Ela é-o, por-
que consegue sê-lo mais
mesmo com espinhos;
como eu sou mais li-
vre, porque mesmo
com o meu corpo, eu

tenho espírito. E se
não fosse o corpo
eu não poderia ~~perceber~~
percepcionar
~~o~~ espírito com
todos os meus senti-
dos. Como a rosa
não poderia ser rosa
se não fosse o ramo.

Nem eu, seria eu,
sem o meu corpo.

Nem o meu caminho
seria caminho se não
fosse assim; medidor
de tempo. —

Se escrevo, é porque
também eu, quero es-

cutar as minhas pa-
lavras. Não sei se al-

guém mais as irá
escutar, as querera escu-
tar.

Mas eu, quero que
elas ~~ressem~~ ressem den-
tro de mim. Necessi-
to que elas façam

eco nas profundezas
do meu ser.

Senão, como poderei
eu escutar a rosa?

E como poderá a rosa
fazer eco noutro ser?

E o que é a rosa senão
a crença absoluta de

infinito.

A infinitude de ser.

Não importa se é a

rosa, se sou eu, ou

alguém outro.

É ser até ao mais

alto grau de ser.

Quem poderá modifi-

car esta crença?

Quem me poderá reti-

rar esta ansia?

O que eu digo aqui é

muito simples e mui-

to Grande.

É a única realidade

que verdadeiramente

interessa.

Pode-se alterar o curso da existência, (de ser), assim como se pode modificar o sentido atribuído a uma coisa.

Mas nunca o facto

de ambas existirem.

Assim, nada mais simples que ser, como ~~uma~~ nada tão Grande como Ser.

Nada teria sentido se não fosse esse "crescendo".

Digam alguns que é

"piegas". que me im-
porta?

Não é, pelo menos,
nenhuma especula-
ção sobre esta ou
aquela teoria. Nem
sequer se trata de
alguma teoria, mais

minha ou menos mi-
nha, ou teoria.

É, simplesmente.

Cada um terá a sua
própria medida.

Eu tenho esta.

No menos, o que ela
tem por missão é

servir a alguém.

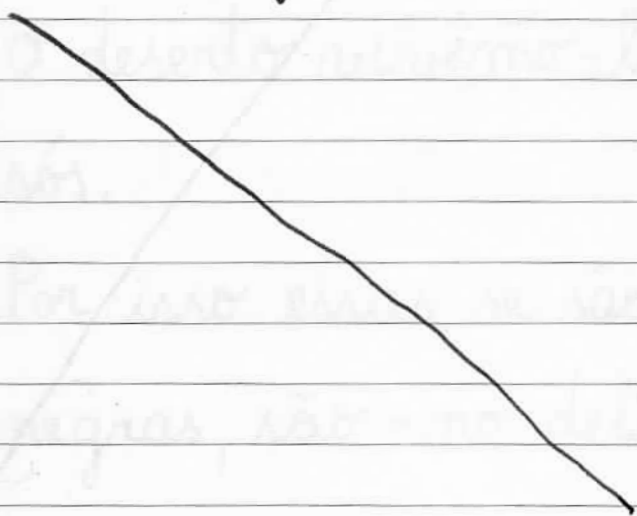
Senão, tudo o que aqui
digo ~~é~~ é estéril.

E se é estéril, então
também se destrói
por si própria.

Nunca serei eu que
posso ditar isso.

O que aqui está fala-
rá por si mesmo.

É entrega, pura e sim-
ples entrega.



Todas as páginas ne-
gras deste caderno,
são páginas negras.
São espaço de deserto.
O deserto vivêmo-lo
sós.

Por isso essas, se são
negras, são - no deli-

beradamente.

Todas as rasuras neste caderno, são passos de precisão.

Assim, elas são rasuras efectivamente.

As folhas brancas que se seguem não são

espaço vazio.

São espaço de futuro.

Verdadeiramente, os papéis

de trabalho de trabalho são

de trabalho, são papéis
de precisão.

Assim, eles são neces-
sários efectivamente.

As folhas brancas que
se seguem não são

